

positivo  
camryn garrett

Tradução de Fernanda Semedo

Para todos os que foram tocados pela crise da sida.  
E para a minha mãe, sempre.



## CAPÍTULO 1

**P**or muito que tenha tentado convencê-lo do contrário, o meu pai continua a achar que precisa de me acompanhar à minha primeira consulta de ginecologia. Considera-a um rito de passagem importante.

— Tenho a certeza de que a *tia* Camila me teria trazido — digo, olhando pela janela do carro. Como se não fosse bastante mau irmos a esta consulta *juntos*, ainda é desconfortavelmente perto do hospital onde ele trabalha, o que significa que vamos encontrar pelo menos três dos seus pacientes. — Ela gosta de fazer estas coisas e podíamos ter organizado a consulta entre as suas viagens de negócios.

— Bem, tu és *minha* filha — diz ele, parando num lugar do parque de estacionamento. — E este é o género de coisas para as quais os pais vivem.

— Não sei porquê, mas duvido.

Manchas grisalhas insinuam-se no cabelo preto do meu pai, e tem um vergão na pele bronzeada do nariz, onde os óculos repousam. Quando não está com a bata de médico, veste-se com roupas de velho, como pulôveres sem mangas e calças de caqui. Gostava que a sua falta de sentido de moda fosse a coisa mais embaraçosa acerca dele, mas não é.

Lá dentro, pega num bloco de notas com *perguntas* para fazer à médica. Quase preferia morrer. A sala de espera parece-me demasiado pequena e cheira a ambientador barato.

Ele pousa o bloco de notas ao seu lado, olhando um questionário entregue pela rececionista.

— Quando foi o teu último ciclo menstrual?

— *Pai.*

— Isto são perguntas normais.

— É que... — Tiro-lhe o questionário. — Eu trato disto.

— Passo o tempo a fazer este género de perguntas às minhas pacientes, sabes. Não precisa de ser embaraçoso.

— Mas eu sou tua *filha*. Isso torna as coisas mais estranhas.

Respondo rapidamente às perguntas e sou quase sempre honesta. Ele já preencheu as partes que demoravam mais tempo — especialmente a minha história clínica —, por isso devolvo o formulário à senhora na secretária. Quando volto, ele abriu o bloco que trouxe de casa e está a rever as perguntas.

— Não há mesmo razão para estares nervosa, Simone — diz, dando-me uma palmadinha na perna. Os óculos estão sempre a deslizar-lhe pelo nariz. Se ele fosse meu médico, não conseguiria levá-lo a sério. — Muitas das mulheres que consulto estão nervosas na primeira consulta.

— Não sou uma mulher. — Balanço as pernas para cima e para baixo. — Tenho, tipo, doze anos.

— Tens dezassete. A maioria das raparigas tem a sua primeira consulta aos quinze, mas é mais uma formalidade. Tu nem sequer és...

— Sexualmente ativa. Eu sei. Ambos sabemos que não tenho relações sexuais.

Uma mulher com uma gigante barriga de grávida fita-me. Não sei porque é que parece irritada. Vai ter *sorte* se o filho dela for parecido comigo. Para começar, cheguei aos dezassete sem morrer, algo que creio que os meus pais nunca esperaram.

— Então — diz ele —, porque fizeste tanta questão de marcar esta consulta agora?

Mordo o lábio. Tecnicamente, não preciso de consultar um ginecologista. Não tenho namorado. As minhas hipóteses de perder a virgindade não aumentaram por magia nos últimos tempos, mas a Dra. Khan, a minha médica de VIH, recomendou-me consultar um ginecologista se tivesse dúvidas e, bem, eu tenho.

Não posso propriamente dizer ao meu pai a outra parte da verdade — que quero saber mais acerca de sexo por causa daquele rapaz giro da escola. Não se passa nada entre nós, mas posso ter esperança, não posso?

— Não é mau que tenhas querido vir — diz ele, arrancando-me dos meus pensamentos. — Só queria saber o que te despertou o interesse.

— Hum... estou só... tu percebes. Curiosa e um pouco nervosa. Quero fazer perguntas, como te disse. Sinto que não sei nada, e a Dra. Khan sugeriu a consulta.

— Terás oportunidade de fazer perguntas — diz ele. — Prometo. Já falei com a Dra. Walker imensas vezes. Ela é muito boa no que faz, e acho que o facto de ser mulher te deixará mais confortável.

— Simone Garcia-Hampton?

A enfermeira parece bastante simpática e fico grata por não começar logo a fazer conversa de circunstância com o meu pai. Levanto-me e encaminho-me rigidamente para a porta. Ele põe-me uma mão nas costas, guiando-me atrás da enfermeira.

— Há muito tempo que não o via, Dr. Garcia — diz ela, sorrindo-lhe quando entramos na sala de exames. Como não fala para mim, subo para a marquesa sem dizer palavra. — Como têm corrido as coisas em St. Mary?

— Muito bem — responde o meu pai, devolvendo-lhe o sorriso. — E como vai o pequeno Jason?

Calculo que afinal não serei poupada à conversa de circunstância. Parece que toda a gente que trabalha na área da saúde já o viu no hospital ou numa consulta — ou ele fez o parto de um dos seus filhos.

— Cada vez maior — diz ela, folheando a minha ficha. — Muito bem, Simone. A Dra. Walker já vem para te fazer um exame às mamas e uma série de outras coisas. Mas hoje não vamos fazer um exame vaginal.

Dou um suspiro de alívio.

— Graças a De...

— Não invoques o nome do Senhor em vão — diz o meu pai, olhando-me com acutilância.

— Está bem — digo, metendo uma pequena madeixa de cabelo atrás da orelha. Ele diz que é católico *não praticante*, mas é mais religioso do que quer admitir. — Não ia invocar. Caramba, não me conheces?

A enfermeira sorri enquanto faz as coisas normais, como medir-me a tensão e o ritmo cardíaco. Faz-me perguntas sobre o meu período e atividade sexual, e tento ignorar o meu pai ali ao meu lado.

— É bom ver uma relação tão próxima entre pai e filha — diz ela, segurando o bloco de apontamentos junto do peito. — A minha filha parece que está cosida à minha anca. Quem me dera poder deixá-la sozinha com o pai.

— Bem, eu não tenho mãe — digo, encolhendo os ombros. — Por isso não tenho muita escolha.

O meu pai lança-me outro dos seus olhares, mas ver a cara da mulher faz que valha a pena. Fica toda vermelha e manchada, como se tivesse pisado um cachorrinho sem querer, e dirige-se à porta com passos grandes e lentos.

— Peço muita desculpa — diz, abanando a cabeça. — Toma, veste esta bata e tira o *soutien*. A Dra. Walker já vem.

— Simone, isso foi indelicado — diz o meu pai assim que a porta se fecha. — Ela não tem culpa de não saber a história da tua família.

Ele leva a que pareça tão *formal*. As pessoas ficam confusas com a nossa situação familiar, acho eu, e percebo porquê. Por um lado, não pareço filha dele. Apesar de a pele dele ser da cor de areia escura, é óbvio que eu sou negra, vários tons mais escura do que ele. Tenho a certeza de que as pessoas pensam que saio à minha mãe, especialmente quando veem a aliança do meu pai na mão esquerda. Ele não se assumiu completamente. Acho que não conta a ninguém acerca do papá, a não ser que tenha de o fazer. Por outro lado, o papá exhibe a sua aliança a toda a gente num raio de dez milhas. Nesse aspeto, são diferentes. Quem me dera que o mundo não passasse tanto tempo a fazer o meu pai sentir que tem de se esconder.

— Mas ela não devia partir de princípios — digo, pondo-me atrás de uma cortina para me despir. — Sabes o que diz o papá: quando fazemos suposições sobre os outros, revelamos mais sobre nós do que sobre eles.

— Eu sei. Soa pior de cada vez que o ouço. — Ele suspira. — Pensaste em alguma pergunta para a doutora?

— Vou perguntar-lhe se posso ter sexo. — Dispo o vestido pela cabeça, protegendo-me do embaraço que provavelmente se espalha na cara dele neste momento. — E acerca do rompimento do hímen. E também sobre gravidez.

— Curiosamente, não acho graça.

— Porque não tem. — Puxo a batinha da bata antes de afastar a cortina e lhe apontar um dedo. — O sexo nunca tem graça, especialmente se fores eu.

O rosto dele adoça.

— Simone...

— Ah, a famosa Simone! — Uma mulher branca e alta, com brilhantes cabelos ruivos e bata entra na sala. — Ouvi o teu pai falar muito de ti. A última vez que te vi ainda mal te aguentavas de pé!

A Dra. Walker conhece-me, mas eu não me lembro dela. Faço-lhe um sorriso tenso. Não sei porquê, duvido que seja tão amiga da família como

quer fazer crer. Também não importa. Não tenciono propriamente ser a sua melhor amiga. Só preciso que responda às minhas perguntas.

— Então, Simone — diz ela, entrelaçando as mãos. — A Dra. Khan mandou-te para mim porque tenho outros pacientes com a tua condição e tenho experiência neste campo. Quero que saibas que podes expor-me quaisquer dúvidas que tenhas, e que farei o meu melhor para te responder.

Caraças. Ela vai direta ao assunto.

— Digamos que quero ter sexo. — Tento imitar a posição dela em cima da marquesa, colocando uma perna por cima da outra. A minha bata de papel enruga com o movimento. — Os preservativos são suficientes? Tenho de os usar se tiver sexo com uma rapariga?

— Bem, existem preservativos internos e barreiras de látex se tiveres sexo com alguém com uma vagina — diz ela, recostando-se no banco. Tenho de lhe dar crédito por uma coisa: não parece nada perturbada. — Mas tens de te lembrar de que o vírus se transmite através da troca de certos fluidos corporais, como sangue ou sémen.

— Esperem um minuto — diz o pai. — Simone, tu sabes que o mais seguro é a abstinência. Já falámos acerca disso, querida.

As minhas bochechas aquecem. Esta era outra razão para não o querer aqui — devia poder perguntar e obter respostas sem filtro. A pior parte é que eu *sei* que ele tem razão: a abstinência é a única forma absolutamente segura de evitar a contaminação por VIH. Meteram-me isso na cabeça desde que fiz treze anos. Neste momento, é como um reflexo.

Porém, isso não significa que não possa *querer* sexo. Ultimamente, é algo que está sempre no fundo da minha mente. Não ando por aí à procura de pessoas para ter sexo com elas, mas *quero* ter. Quero olhar para uma pessoa e amá-la como as outras pessoas podem fazer. Quero saber mais.

— Eu *sei* — digo, brincando com as pontas amarrotadas da minha bata. — Mas não quero ser virgem para sempre. Queria ter uma ideia de como a proteção funciona para mim, visto que o meu parceiro provavelmente não terá.

O pai abana a cabeça, resmungando. Viro-me para a Dra. Walker.

— Fiz pesquisa no Google — digo. — Mas, de cada vez, obtenho respostas diferentes.

Sei muito acerca do VIH — incluindo a regra I=I. Se a carga viral, o nível de VIH no sangue, for *indetetável*, o vírus é *intransmissível*. Por outras palavras, não podemos transmitir VIH a outra pessoa. Indetetável = Intransmissível. Mas isto não me ajuda muito.

— Isso faz muito sentido, Simone — diz a Dra. Walker, pousando as mãos nos joelhos. — E quero que saibas que o sexo é uma possibilidade real para ti quando estiveres preparada, está bem? Podes falar com os teus outros médicos, se quiseres uma segunda opinião.

Assinto com a cabeça. Na verdade, não me vejo a falar de sexo com a Dra. Khan — é minha médica desde bebé, por isso faz praticamente parte da família.

— O melhor momento para ter sexo é quando a tua carga viral tiver estado indetetável pelo menos durante seis meses — diz ela, relanceando a minha ficha. — Não sei bem se esse é o teu caso. Seja como for, é importante que continues a tomar os teus medicamentos todos os dias, a horas certas.

Cerro os lábios. A Dra. Khan tem de me mudar a medicação porque desenvolvi resistência à antiga. Na última consulta, o vírus ainda era detetável no meu sangue.

— Também é importante ter em consideração os tipos de sexo e os riscos que cada um implica. O sexo anal é o que tem maior taxa de transmissão de VIH, enquanto o sexo oral tem a menor.

Um olhar de esguelha revela-me a cara do pai, mais vermelha do que alguma vez a vi. Tosse para o ombro, como se tivesse alguma coisa presa na garganta. Apetece-me provocá-lo, mas não quero que pense que estou a ser imatura. Quero que ele *saiba* que já pesquisei isto. Nunca me esqueço de tomar os comprimidos e tapo sempre as feridas abertas com pensos. Sou responsável com a minha doença.

— Como disseste, usarás preservativos, mas é importante que sejam de látex ou poliuretano — diz ela, dedilhando sobre o seu dossiê. — Suponho que será mais fácil se tiveres relações com um parceiro seropositivo, mas mesmo assim terás de tomar precauções.

— Sim, já ouvi falar disso. — Coço a nuca. Há uma pessoa em que estou sempre a pensar, alguém de pele escura e sorriso simpático. — Mas e se o meu parceiro não tiver VIH? E a minha carga viral for detetável?

— Simone... — começa o pai.

— O quê? — pergunto, erguendo uma sobrancelha. — Não queres que eu saiba? No próximo ano faço dezoito anos, pai. Tal como disseste, já não tenho doze.

A medicação para o VIH é esquisita. Por vezes há efeitos secundários. Se não a tomarmos por algum tempo, o vírus pode desenvolver resistência. Talvez esta não seja a última vez que tenho de mudar de medicação e começar de novo. Posso ter um parceiro que não tenha VIH. E não posso ter sexo com

ele enquanto a minha carga viral não for outra vez indetetável? Ou há outra forma?

A Dra. Walker pigarreja e viro-me para ela. Ela tem uma expressão bondosa, como se estivesse a falar com animais pequeninos. Tenho a certeza de que vários outros pacientes lhe aparecem com pais excessivamente protetores. Provavelmente, já teve uma versão desta conversa, mas menos intensa.

— Essa seria uma relação serodiversa — diz ela. — Há medicamentos que uma pessoa VIH-negativa pode tomar para evitar a transmissão; é algo que deves discutir com um especialista em VIH. Embora esteja muito contente por estarmos a falar disto, quero mesmo salientar a importância de revelares a tua situação antes de qualquer envolvimento sexual.

— Eu sei. — Baixo o olhar para as mãos. — Também ouvi falar disso.

No estado da Califórnia havia uma lei segundo a qual eu podia ser presa por ter sexo sem preservativo sem ter revelado a minha situação. Agora é diferente; se eu for indetetável e fizer a outra pessoa usar um preservativo, tenho uma defesa. É só que a lei torna as coisas *mais reais*. Faz-me lembrar que sou diferente de todas as outras pessoas.

Eu e o papá troçamos das pessoas que pensam que o vírus pode ser transmitido de maneiras como beijar as faces, tocar as mãos, partilhar refrigerantes. Mas ter sexo com alguém é real. Toda a gente sabe que o sexo nos põe em risco de apanhar DST, mas duvido que alguém da minha escola espere ter de lidar com o VIH. Sempre que me imagino a dizê-lo a alguém de que eu goste, a cena termina com eles a saírem porta fora.

— Simone?

Pisco os olhos para a Dra. Walker. Ela dirige-me um sorriso triste, como se soubesse o que estou a pensar. Parte de mim tem vontade de a abraçar.

— Tens mais perguntas?

Abano a cabeça e ela dá-me palmadinhas na mão.

— Deita-te na marquesa, querida. Vamos começar o exame da mama.



## CAPÍTULO 2

**H**á imenso tempo que os meus pais desistiram de me levar à escola, muito provavelmente porque eu espero até ao último minuto para acordar e aprontar-me. Hoje é diferente. Acordar tarde significaria desapontar a Lydia.

É estranho ouvir o meu pai a arrancar da entrada, dirigindo-se ao hospital. O papá está na cozinha a fazer café. Acho que perco muitas coisas quando estou a dormir.

— Acordaste cedo esta manhã. — O papá mexe o café. Toma-o sempre simples. — As meninas estão a tramar alguma?

Engulo em seco, passando ao lado dele e da ilha da cozinha. Posso dizer tudo ao papá, mas a linha esbate-se quando se trata de coisas que acontecem às minhas amigas. Se a Lydia não quer que os pais *dela* saibam aonde vamos, duvido que queira que os *meus* pais saibam.

— Temos uma coisa para fazer — digo, tirando uma caneca do armário. — E não podemos ir depois da escola, porque eu tenho ensaio da peça.

— E têm de ir todas juntas fazer essa coisa?

Encolho os ombros, roubando-lhe a cafeteira e servindo uma quantidade generosa na minha chávena. Ainda tenho os olhos ensonados, mas consigo ver claramente a sua *T-shirt De La Soul* — que ele usa o tempo todo, se bem que os únicos alunos que compreendem a referência sejam os negros,

como nós. Por vezes, gostava de poder frequentar a escola pública onde ele trabalha, mas é a trinta minutos de distância. A Escola do Sagrado Coração é mais perto, menos conservadora do que a minha escola antiga, e não exige uniformes. E o melhor é que no Sagrado Coração ninguém me conhece da forma que me conheciam na escola antiga.

A Nossa Senhora de Lourdes tinha só cem raparigas e vivíamos todas no mesmo dormitório. Isso implicava sermos mais próximas do que colegas de escola normais. Isso nunca me incomodou — até descobrirem que eu era seropositiva.

— Simone — diz o papá, pousando o seu café na bancada. — Se estivesse a passar-se alguma coisa, dizias-me, não dizias?

Suspiro.

— É uma coisa que a Lydia não quer que os pais saibam. Pelo menos, para já. Temos só de parar num sítio.

Ele fita-me por mais um momento.

— Juro — digo, pondo a minha mão sobre a dele. — Se ela estivesse em sarilhos, eu dizia-te.

Ele resmunga para dentro da chávena. Satisfeita, viro-me para o armário dos medicamentos. Para manter a minha carga viral baixa, tenho de tomar um comprimido gigante todas as manhãs. O alarme do meu telefone, provavelmente, vai tocar, mas na maioria dos dias não preciso dele. Nesta altura, tomar os medicamentos é automático.

Sinto o olhar do papá sobre mim enquanto engulo o comprimido. Ele e o meu pai costumavam dar-me autocolantes nos dias em que eu me lembrava sozinha de os tomar. Se passasse um mês sem me esquecer, davam-me um prémio. Acho que o meu prémio, agora, é a minha saúde. Definitivamente, não é tão divertido como ir ao Chuck E. Cheese.

A campanha da porta toca e dou um salto, quase entornando o café. A Lydia está no alpendre, os cabelos negros enfiados atrás das orelhas e o rosto sem maquilhagem.

— Olá — diz ela quando abro a porta. — Estás pronta? A Claudia está à espera no carro.

— Está bem. — Detenho-me, olhando-a de cima a baixo. Está mais pálida do que é habitual. — Ela mandou-te vir buscar-me?

— Não, não. Eu queria vir.

Semicerro os olhos para ela.

— Tu és minha amiga, Simone — diz ela, abanando a cabeça. — Tenho o direito de querer ver-te.

— Mas estás nervosa — digo, fazendo suposições. — Caso contrário, terias apenas esperado lá fora.

— Só um bocadinho — diz ela. — Mas é melhor convosco. — Como que para o provar, ela enrola o braço em torno de mim.

— Ai, Lydia — digo, com a cara no seu ombro. — Tu és demais. — É verdade, apesar de tudo, eu adoro-a. — Vou só buscar a minha mala — digo, soltando-me dela após um minuto. — Podes entrar. — Ela assente e segue-me. A mala dela está decorada com diferentes *pins*: o logótipo da nossa escola, personagens de *The Lego Movie*, e outros a dizer «I Love Taiwan», que trouxe da sua viagem à família no verão passado.

— Olá, Lydia — diz o papá enquanto tiro a minha mala de cima da bancada. — Como estás?

— Estou bem, obrigada. — Ela faz um sorriso. — Pronta para a escola.

Rio-me para o meu braço. A Lydia *gosta* mesmo da escola, algo que não consigo compreender.

— E os teus pais?

— Estão bem. — Ela balança sobre os calcanhares. — Ocupados, como sempre.

Os pais dela, o Sr. e a Sra. Wu, querem que ela tenha boas notas, mas não são tão chatos com isso quanto os pais da Claudia. Nunca desenharam a tabuada na parede do quarto dela, nem a obrigaram a ir para acampamentos de matemática, mas verificam os seus relatórios de progressos assim que estes chegam a casa. O máximo que os meus pais já fizeram foi perguntar se eu preciso da ajuda de um explicador, e isso era quando eu ainda estava no colégio interno. Não os imagino a supervisionar o meu tempo no computador nem a espreitar por cima do meu ombro a cada cinco minutos mas, pronto, são abordagens diferentes.

O papá dá-me um beijo rápido na bochecha, acenando à Lydia, que me arrasta para a porta.

— Boa sorte para hoje, meninas — grita. — Manda-me uma mensagem quando chegares à escola.

A porta bate atrás de nós. A Claudia conduz um velho *Ford Bronco* azul, mas eu nunca me sentei à frente. Ainda não sei como é que a Lydia tem coragem de o fazer, especialmente hoje. Sempre que entro no carro com ela, a Claudia alterna entre: conduzir como se estivesse em *Velocidade Furiosa*; conduzir como se tivesse um pneu vazio.

— Admira-me que ainda tenhas carta — digo, deslizando para o centro do banco traseiro. — Não tens um monte de multas?

— Ora, cala-te — diz ela, com as mãos no volante. — Se achas que sou tão horrível, podes conduzir *tu*. Acredita que não é tão fácil como faço parecer. Vai tirar a carta e descobre.

Podia pensar num comentário espirituoso para lhe atirar, mas não o faço. Ela hoje está a ser mais simpática para a Lydia do que é habitual, o que significa que toda a sua rabugice tem de ir para *algum lado*. Tenho a certeza de que volta tudo ao normal quando despacharmos isto.

O carro arranca assim que afivelamos os cintos. O movimento gentil baixa-me as pálpebras. Estou muito perto de dormir, apesar do café. O silêncio não ajuda muito.

— Vais só tomar uns comprimidos — diz a Claudia, virando-se para a Lydia. — Caramba, não é nada de especial.

Abro os olhos. Consigo ver a cara da Claudia — cheia de preocupação, invulgarmente doce —, mas não vejo a da Lydia. Não percebo porque é que ela está tão nervosa.

— Sinto-me uma mentirosa — diz ela. — Devias ter visto a cara da minha mãe no outro dia. Queria falar acerca de *sentimentos e mudanças*, e eu disse-lhe que não tinha sexo. Agora vou fazer planeamento familiar sem lhe contar. Isto torna-me horrível?

— Acho que não — digo, encolhendo os ombros. — *Queres* falar com ela acerca de fornicar com o Ian Waters?

— Para começar, que nojo. — A Claudia olha-me pelo espelho. — E depois, já ninguém diz *fornicar*.

— Eu digo.

Ela ri-se.

A clínica fica a uns quinze minutos de distância e passamos o resto da viagem em silêncio. Os pais da Lydia trabalham em finanças, por isso ela não receia encontrar aqui amigos da família. Só tem de entrar, comprar os comprimidos e voltar a sair.

A Claudia estaciona no parque. Há ali mais uns seis carros, apesar de ser muito cedo. As letras cor-de-rosa desbotado da placa por cima das pesadas portas de metal parecem algo saído de um filme.

Solto o cinto de segurança e inclino-me para a frente, para ver a cara da Lydia.

— Queres que vamos contigo? — pergunto. É tão estranho vê-la sem os olhos sombreados que são a sua imagem de marca. — Nós vamos, se quiseres. Podemos entrar todas juntas.

A Lydia abana a cabeça, tirando o cinto de segurança.

— Não. As pessoas podem não me reconhecer, mas reconhecer-nos-ão se formos todas juntas.

A verdade é que reconhecerão a Claudia e a Lydia. São amigas há séculos, frequentando a mesma escola e brincando em casa uma da outra.

— Existem leis de confidencialidade — diz a Claudia, desligando o motor.

— Pois — digo. — Os enfermeiros e os médicos não podem dizer a ninguém sem a tua autorização. Vai correr bem.

— E se chegarmos atrasadas à escola?

Eu e a Claudia rimo-nos desdenhosamente, os sons sobrepondo-se.

— Isso não importa — digo. — Quando muito, podemos dizer aos teus pais que estive a ajudar-me com um problema familiar. Ou, se quiseres, dizes-lhes que fiquei doente.

Seria estranho mentir à Sra. Wu. Só estive lá em casa uma vez, numa festa do pijama em setembro, e ela fez-nos panquecas para o pequeno-almoço quando acordámos. Mas não me importaria de o fazer pela Lydia.

— *Ugh* — diz a Lydia, esfregando os braços. — Tantas mentiras.

— Eu acho que são uma parte vital dessa coisa da rebelião adolescente — comenta a Claudia. — E, tipo... os teus pais acabarão por assumir que estás a fazer planeamento familiar, pelo que não será necessário ter uma grande conversa. Eles não são propriamente os *meus* pais, sabes.

— Sei — diz a Lydia. — Pronto, eu já volto.

Sai do carro e fecha a porta. Acho que podia mudar-me para o banco da frente, mas fico onde estou e encosto os joelhos ao queixo.

— Isto é estranho — digo, interrompendo o silêncio. — Nunca pensei que viria aqui. Achava que não teria nenhuma razão para, sequer, *pensar* em sexo.

— Por favor — diz a Claudia. — Pensas mais em sexo do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Estás a falar de quê?

*Ugh*. A Claudia e a Lydia são as primeiras — e melhores — amigas que fiz no Sagrado Coração. Parte de mim, algo no fundo do estômago, sente que eu devia ser capaz de lhes contar que sou VIH positiva.

— Não sei. — Empurro o cabelo para trás. — Só porque *penso* nisso não quer dizer que aconteça. — Deixo o meu outro pensamento por dizer; só porque penso o tempo todo num certo rapaz não quer dizer que aconteça alguma coisa.

Ela vira-se, erguendo uma sobancelha negra para mim. Tem o cabelo curto, um corte a três quartos que não cresceu um milímetro desde o dia em que a conheci, e tem a mesma pele bronzeada do meu pai.

— Queres dizer-me alguma coisa, miúda?

Cerro os lábios. A Claudia Perez não é o tipo de pessoa de quem eu queira esconder segredos, mas isto é *segredo*. O maior que tenho. Não acredito que ela o contasse, mas não *sei*.

— *Simone* — pressiona a Claudia. — Que se passa?

— Eu só... — Baixo o olhar. Páginas de apontamentos forram o chão, e esmago-as debaixo dos pés. — Só não consigo imaginar ninguém a querer fazê-lo *comigo*.

— Porque não? — A voz dela é ríspida. — Eu teria sexo contigo, se estivesse nessa. Tu és fantástica.

Não consigo deixar de me rir.

— Tens ideia de como isso parece *esquisito*?

— Qual é o problema? — Ela vira-se novamente, dando-me um meio sorriso. — Porque é que uma pessoa não havia de querer *fornicar* contigo?

Não sei bem o que dizer. A Lydia abre a porta do passageiro e entra. Tem o rosto corado e traz um saco branco na mão. Esperamos em silêncio que ela diga alguma coisa.

— Era a senhora mais simpática que já conheci — diz ela finalmente, com um suspiro. — Não sei porque é que estava tão preocupada. Ela também foi simpática ao telefone, e respondeu a todas as minhas perguntas.

Aperto-lhe o ombro.

— Estou tão orgulhosa de ti, amiga.

— *Yuppp*. — A Claudia bate com as mãos no volante, como se fosse uma bateria. — A Lydia é a maior.

Não percebo se a Lydia está animada ou embaraçada. A Claudia sai do parque de estacionamento e encaminha-se para a escola.

— Acabei de a tomar — diz a Lydia após um momento. — Por isso tenho de a tomar todos os dias a esta hora. Acho que vai correr bem.

— Como é que te sentes? — pergunta a Claudia antes de eu ter tempo de perguntar o mesmo. — Melhor?

— Sem dúvida — diz a Lydia, soltando outro grande suspiro. — Eu e o Ian estamos a começar... percebem, a avançar alguns passos, por isso estou contente por estar preparada. Mas pensei que me sentiria pior por mentir aos meus pais.

— Acho que é normal — digo, recostando-me. Memórias da minha consulta com a Dra. Walker fazem-me desejar mentir aos meus pais mais vezes. — Por vezes precisamos dos nossos segredinhos.

— Vocês são fantásticas — diz a Lydia. A Claudia não tira os olhos da

estrada, mas eu sorrio-lhe, embora ela não possa ver-me. — E adoro-vos muito. Eu sei que não precisavam de se levantar tão cedo antes da escola...

— Esse é o problema da Simone — interrompe a Claudia. — Não é o meu. Eu estou sempre acordada.

— OK, mas eu já tenho problemas em levantar-me antes das nove horas — digo. — Não tenho culpa de me sentir mais acordada à noite. A Academia Americana de Pediatria diz...

— ... que as crianças não se deviam levantar tão cedo — conclui a Lydia, com riso na voz. — Nós *sabemos*. Tu só dizes isso todas as manhãs. Acho que era capaz de recitar o estudo enquanto durmo.

Há um monte de carros no parque de estacionamento da escola. Esta é um enorme edifício de tijolo que podia ser um quartel de bombeiros ou um convento dos anos cinquenta, mas por acaso é um centro de aprendizagem. O *Bronco* de dezoito anos da Claudia não podia parecer mais diferente dos carros metalizados e reluzentes ao seu lado.

— Vamos, miúdas — diz ela, tirando as chaves. — Ainda tenho de ir ao cacifo. Guardei lá um projeto. Lydia, tu és responsável e eu adoro-te. Diz à Simone que um dia ela vai ter sexo com a pessoa certa.

Mostro-lhe o dedo do meio. Tento segui-la para o edifício, atravessando as rajadas de ar frio do exterior, mas a Lydia dá-me o braço.

— Que história é *essa* do sexo? — De perto, ela não parece tão reservada como antes. — É divertido. Devias experimentar.

— Pensei que vocês ainda não tinham chegado a esse ponto.

— Bem, há diferentes níveis.

— O problema não é *ter* sexo — diz a Claudia, parando junto do seu grande cacifo azul. Encosto-me aos outros enquanto ela introduz a combinação. — Ela acha que não vai encontrar ninguém para o fazer com ela.

— O quê? — A Lydia olha-me. — Porquê?

— Sabem, acho que não preciso de nada do cacifo — digo, tentando soltar os braços. Ela não cede. — A sério, não estou a brincar. Pus todas as coisas importantes na minha mala. A única coisa que deixei aí foi o meu pacote de boas-vindas.

— Acho que só usei o cacifo uma vez antes de hoje — diz a Claudia, abrindo a porta. — Mas é diferente. Tu só estás aqui há... o quê, dois meses? Eu estou há três anos.

— Calma aí — diz a Lydia, erguendo as mãos. — Quem é que se importa com cacifos? Simone, qualquer pessoa seria sortuda por te ter. Isso é ridículo.

*Esta é a Lydia que eu conheço. Sei que estão ambas a falar a verdade — eu*

sou fantástica. Há dois meses, nem sequer me interessava arranjar um namorado, ou ter sexo, ou algo do género. Só queria focar-me na minha integração num sítio novo. Agora sou a aluna responsável pelo musical da escola e consigo encontrar pelo menos metade das minhas salas de aula.

— Talvez o patriarcado esteja a matar as minhas células cerebrais. — Bato com os dedos na coxa. — Porque pareço não ter nenhuma autoconfiança. Sou uma cabra fantástica.

— Obviamente — diz a Lydia. — Toda a gente sabe.

— Não há razão para ninguém ser estúpido contigo, amiga — diz a Claudia, segurando uma cartolina junto do peito. — E se alguém for, dizes-me e eu dou-lhe um pontapé no rabo.

— Então prepara as pernas — digo. — Porque toda a gente é estúpida. Todos os rapazes da nossa idade, pelo menos.

— Estás a gozar-me — diz a Lydia. — O Ian é giro e doce.

Eu e a Claudia olhamo-la fixamente.

A Lydia cruza os braços, soprando.

— Bem, ninguém é perfeito. E aquele miúdo do clube de teatro que te agrada? — diz a Lydia, desviando astutamente as atenções do seu namorado.

Não faz qualquer sentido comparar o Ian, presidente do Tribunal de Ensaio, com o *Miles Austin*. Por um lado, tenho a certeza de que o Miles é o único jogador negro de lacrosse do mundo. Não sei como, consegue integrar-se bem com os outros membros da equipa, com as suas roupas da *J.Crew* e *Vineyard Vines*. Tenho a certeza de que as suas companhias falam muito acerca dele. Nada disto é atraente. Mas, por alguma razão, o Miles continua a ser.

— Bem, não é um parvalhão — digo, contando pelos dedos. — Consegue levantar coisas muito pesadas como se não fosse nada. É divertido falar com ele. Tem um belo rabo.

— Ainda bem que não me sinto atraída por rapazes — diz a Claudia, pondo a mochila aos ombros. Pego na sua cartolina enrolada e ponho-a debaixo do braço. — Parece tão cansativo.

— Se calhar, devias fazer qualquer coisa em relação à tua paixoneta — O olhar que a Lydia me lança escorre piedade. — Se gostas de uma pessoa, deves dizer-lhe, Simone.

Contenho um resmungo. Talvez dissesse alguma coisa, se tivesse a certeza de que o Miles gosta de raparigas. Sempre que o vejo no ensaio, ele faz-me perguntas sobre um musical. Nunca conheci um tipo heterossexual que se interessasse por musicais.

Eu sei que coisas como a forma de ele vestir e falar não o tornam *gay*, mas ainda tenho esta *sensação*. Talvez sejam os musicais. Talvez seja o facto de ele ser sempre simpático com toda a gente. Talvez seja por nunca o ter visto com uma rapariga. *Ugh*. Se ao menos tivesse frequentado uma escola mista, saberia como lidar com estas tretas.

— Não é assim tão simples — digo, baixando a voz. — Vocês fazem tudo parecer fácil.

Quando estou com a Claudia e a Lydia, sinto-me fixe. Mas isso não é suficiente. Não há razão para o Miles me dizer mais do que algumas palavras. Não me importo muito com isso, não me interessa andar atrás de um rapaz. É só que uma parte de mim dói quando o vejo. Há uma razão para ele atrair toda a gente — durante os ensaios, nos corredores —, mas não consigo definir exactamente o que é. Ele existe, e isso é suficiente. Quem me dera também ser assim.